

# UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ESPAÇO NÃO FORMAL

## “PROJETO TEMPERO VERDE”

Patrícia Natália dos Santos Pereira<sup>1</sup>

Lizeni Pereira Alves<sup>2</sup>

Adyla Silva Neves<sup>3</sup>

Marivalda de Jesus Silva<sup>4</sup>

Orientadoras: Profa. Ma. Eugênia da Silva Pereira<sup>5</sup>

Profa. Ma. Sandra Alves de Oliveira<sup>6</sup>

### Resumo

Este artigo é resultado da pesquisa/observação/intervenção do componente curricular “Pesquisa e Estágio I: Pesquisa e Estágio em Espaços Não-Formais” do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi - *Campus XII/UNEB*. O estágio e a pesquisa estão vinculados, pois são experiências que proporcionam conhecimentos teórico-práticos que favorecem na formação e na atuação docente. Este relato de experiência apresenta e discute os resultados da pesquisa que foi realizada no Projeto Tempero Verde que acolhe adolescentes entre 12 e 16 anos de idade do sexo feminino. Objetiva averiguar as possibilidades de atuação do pedagogo em espaços não formais, utilizando-se de oficinas e dinâmicas para trabalhar com questões presentes no desenvolvimento das integrantes do grupo, privilegiando a livre expressão e reflexão pessoal sobre cada atividade realizada. Durante todo o processo foi possível estimular a criatividade, a imaginação e a expressão de sentimentos e experiências, tanto pessoais como coletivas. Percebemos que a proposta promoveu progressivamente um vínculo sadio entre o grupo. O estágio deve ser uma ferramenta para a valorização e a reflexão da experiência, dessa forma, a prática do profissional é vista como uma construção de conhecimento, para o desenvolvimento da sua autonomia intelectual. A realização do estágio supervisionado em espaços não formais é de fundamental relevância para a formação do pedagogo, pois permite aprendizagens, além de possibilitar a atuação nos diversos espaços educativos existentes. Concluímos que as oficinas proporcionaram aos participantes o alargamento de recursos para lidar com questões de seu cotidiano de modo mais integrado. Ademais, acreditamos que nossa pesquisa trará contribuições tanto para os nossos próximos estágios quanto para outras pesquisas na área.

**Palavras-chave:** Estágio. Educação não formal. Formação. Valores.

---

<sup>1</sup>Estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia. paty.15.nataliaibce@hotmail.com

<sup>2</sup>Estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia. lizeni\_gbi@hotmail.com

<sup>3</sup>Estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia. adylasn@gmail.com

<sup>4</sup>Estudante do 7º semestre do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII* da Universidade do Estado da Bahia. marivalda708@gmail.com

<sup>5</sup>Profa. Ma. do *Campus XII/UNEB*. Pesquisadora do NEPE. Professora da educação básica da Escola Municipal Colônia Agrícola de Ceraíma (Guanambi-BA). eniagbi@hotmail.com

<sup>6</sup>Profa. Ma. do *Campus XII/UNEB*. Pesquisadora do NEPE. Coordenadora de área do PIBID/UNEB/*Campus XII*. Professora da educação básica do Colégio Municipal Aurelino José de Oliveira (Candiba-BA). saoliveira@uneb.br

## 1 Introdução

Este relato de experiência é resultado da pesquisa/observação/intervenção do componente curricular “Pesquisa e Estágio I: Pesquisa e Estágio em Espaços Não Formais” do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi - *Campus XII/UNEB*.

O estágio se deu em duas semanas: uma de observação e outra de intervenção. Buscou-se verificar as possibilidades de atuação do pedagogo em espaços não formais. Procuramos vivenciar oficinas no Projeto Tempero Verde (PTV) que emergem de valores humanos e autoestima. Para Cury (2005, p.8), “autoestima é um estado de espírito, um Oásis que deve ser procurado no território da emoção”. Por este motivo, nossas proposições partiram de atividades que levassem as adolescentes à reflexão, “experienciando” novos saberes a partir da sua própria realidade.

Realizamos este trabalho a partir do tema “A educação para além dos muros da escola: plantando novas sementes”, pensado por nós com a finalidade de refletir sobre os valores humanos de forma a despertar novas visões acerca das atividades propostas durante o período de intervenção.

O Projeto Tempero Verde foi escolhido justamente pelo fato de acolher adolescentes, o que nos fez compreender que o (a) pedagogo (a) pode atuar em diversos espaços para além da educação infantil. As meninas que lá frequentam são consideradas em situação de vulnerabilidade social em Guanambi-BA, o que despertou em nós a curiosidade e o interesse em conhecer o trabalho que os educadores sociais desenvolvem naquele espaço.

O espaço não recebe recursos do município e se mantém através da venda dos materiais produzidos pelas meninas nas oficinas, e por meio de doações. O lugar onde o Projeto se desenvolve foi construído por padres italianos que inicialmente o mantinha. A princípio, a pretensão era atender as crianças de várias idades. Elas plantavam hortas. Esse é o motivo do nome “Tempero Verde”. Mas, devido aos custos ultrapassarem os orçamentos previstos, aboliu-se as plantações e passaram a desenvolver outras atividades voltadas, dessa vez, para as adolescentes que se encontravam sem ocupação no turno oposto a escola. O espaço onde o Projeto funciona pertence à Igreja Católica. O PTV é coordenado por Gardene Reis e conta com o trabalho de cinco voluntárias que ministram as oficinas, e uma zeladora que é remunerada pelo seu serviço.

Este trabalho começou a ser desenvolvido desde o primeiro dia de aula do componente curricular “Pesquisa e Estágio I: Pesquisa e Estágio em Espaços Não Formais”. Por meio das discussões realizadas em sala de aula acerca dessa modalidade de educação, fomos desconstruindo os conceitos de que a escola era o único ambiente em que os sujeitos tivessem

acesso às atividades educativas. O que nos fez pensar na proposta de intervenção para o lugar escolhido.

A intervenção ocorreu por meio de oficinas, dinâmicas e momentos de reflexão, por entendermos que o trabalho pedagógico deve acontecer superando as carências deixadas pela instituição escolar. Não é só na escola que a criança ou adolescente aprende, mas em todos os lugares (na família, na igreja, nos espaços educativos, entre os amigos). Nesse sentido, o pedagogo deve compreender a sua identidade enquanto profissional da educação. Por este motivo, propomos reflexões acerca de temas que envolvem questões do cotidiano das adolescentes.

As atividades propostas tinham por finalidade despertar o trabalho em grupo, a aproximação entre as adolescentes e o melhor convívio entre elas, com o intuito de sair um pouco da rotina, pois percebemos que os espaços não formais devem desenvolver atividades reflexivas e dinâmicas.

## **2 O estágio articulado à pesquisa**

O estágio e a pesquisa estão vinculados, pois são experiências que proporcionam conhecimentos teórico-práticos que favorecem na formação e na atuação docente. Essas discussões foram norteadas pelas experiências concretas a partir do componente curricular “Pesquisa e Estágio I: Pesquisa e Estágio em Espaços Não Formais” que nos levou a superar a ideia equivocada de que havia uma dissociação entre a teoria e a prática. Tanto a pesquisa quanto o estágio estão interligados e são fundamentais para a formação docente na medida em que aproxima o estudante da realidade em que este atuará.

No estágio observamos a realidade das adolescentes do Projeto Tempero Verde e relacionamos aos conteúdos trabalhados em sala de aula. Constatamos que a teoria está presente (ainda que de forma implícita) na prática, fundamentando-a e que o inverso também acontece. O estágio não implica apenas à mera reprodução das práticas observadas em sala de aula, mas o estagiário analisa seu percurso de formação e vai se constituindo enquanto um profissional da educação, buscando de forma crítica novos olhares e compreensões acerca do currículo.

O estágio deve ser uma ferramenta para a valorização e a reflexão da experiência, dessa forma, a prática do profissional é vista como uma construção de conhecimento, para o desenvolvimento da sua autonomia intelectual. Para Pimenta e Lima (2004, p.46) “a pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor”. Ao nos referirmos à pesquisa, compreendemos que o professor deve sempre

buscar refletir sobre o seu espaço de atuação, assim buscará capacitação para aperfeiçoar cada vez mais seu trabalho a fim de participar de forma efetiva no processo de emancipação dos sujeitos.

A realização do estágio supervisionado em espaços não formais é de fundamental relevância para a formação do pedagogo, pois permite as diversas formas de aprendizagens, além de possibilitar a atuação nos diversos espaços educativos existentes. Para Brandão (2006, p.9), “não há uma única forma nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é seu único praticante”.

Um dos aspectos mais relevantes da educação não formal é o fato de formar cidadãos conscientes do “seu lugar e do seu papel no mundo”. Segundo Gohn (2006, p.18), “há na educação não formal uma intencionalidade na ação, no ato de participar, de aprender e de transmitir ou trocar saberes. Por isso, a educação não formal situa-se no campo da Pedagogia Social - aquela que trabalha com coletivos”.

O pedagogo, ao experienciar o estágio durante a sua formação em espaços não formais, está capacitado para atuar nos lugares onde seu trabalho seja solicitado, uma vez que, conhece as diferentes modalidades de educação e compreende a importância de cada uma delas. Na sua carreira docente poderá contribuir tanto para a formação de sujeitos críticos quanto para o enriquecimento da díade ensino-aprendizagem.

Neste trabalho compartilhamos os resultados da pesquisa e do estágio no Projeto Tempero Verde. Através dessas experiências percebemos que o processo de ensino e de aprendizagem se dá em diferentes espaços, nos quais a atuação do educador é indispensável. A função do educador social é, a partir da sua intervenção, formar seres pensantes e cidadãos críticos.

A pesquisa, então, fundamenta as práticas no/para o estágio. Assim, também o educador que busca ensinar a partir de métodos investigativos, consegue a partir destes, a efetivação do processo de ensino-aprendizagem como mediador, (re)significando a sua experiência e a de seus estudantes de forma criativa, possibilitando a articulação de saberes.

### **3 Momentos experienciados no estágio supervisionado no Projeto Tempero Verde**

A educação é um fator predominante, aprender e ensinar faz parte da existência humana. Logo, a escola não é o único lugar onde a educação acontece. A educação não formal então utiliza o tempo em que a criança ou adolescente fica fora da escola para proporcionar-lhes atividades educativas e momentos de lazer.

Neste texto procuramos relatar nossa experiência de pesquisa e estágio, desenvolvido no Projeto Tempero Verde, localizado à Rua Visconde de Ouro Branco, nº 209, Bairro São José, município de Guanambi-BA. Realizamos uma semana de observação e uma semana de intervenção no período de 04 a 11 de outubro 2016, com a participação de adolescentes de 12 a 16 anos de idade.

Como o Projeto atende adolescentes em situação de vulnerabilidade social, vários foram os conceitos (pré-determinados) que levamos conosco no momento da observação do espaço. Entretanto, logo no primeiro contato tanto com o Projeto quanto com as adolescentes, começamos a nos sentir parte “daquele mundo” que outrora desconhecíamos. Ali, tivemos contato com “vidas”, sonhos, medos, expectativas, frustrações, e uma série de sentimentos que em determinados momentos não soubemos como defini-los. Eram adolescentes aparentemente como todas as outras. No entanto, muitas delas (se não todas) traziam consigo um acervo de experiências de vida, que nós, na nossa adolescência, não pudemos experimentar. Isso nos relatou as próprias meninas em momentos de “bate-papo” na hora do lanche e ao final de cada dia, tanto de observação quanto de intervenção.

Por conta disso, houve até certa dificuldade em selecionar as atividades para os momentos de intervenção. Acreditamos que tenha faltado um pouco mais de sensibilidade da nossa parte ao não percebermos questões que muitas vezes saltavam diante dos nossos olhos. Talvez pela inexperiência, afinal, este foi o primeiro estágio. Planejamos o roteiro das atividades baseado no que, na nossa concepção, as meninas iriam gostar de fazer no espaço durante a semana da intervenção.

No período de observação percebemos a importância dos espaços não formais e como eles fazem diferença na vida das adolescentes que ali frequentam. Para entendermos a finalidade da instituição, nossa primeira curiosidade foi saber o que levou o Projeto ser intitulado “Projeto Tempero Verde”.

Por trabalhar somente com meninas, o Projeto oferece oficinas de bordado, corte-costura, manicure e crochê. A instituição também possui uma sala de informática, mas alguns computadores estão quebrados e por falta de recursos financeiros e de monitores, não funciona. Possui também uma sala de televisão que dificilmente é utilizada. O projeto não recebe nenhuma ajuda dos órgãos públicos e se mantém através de doações e pela venda dos objetos que são produzidos pelas alunas.

Durante as festas do padroeiro da cidade, elas montam barracas onde são vendidos os materiais produzidos. Parte das doações vem do forró do “Jota” que doa parte do dinheiro arrecadado durante a festa para a instituição. Esse dinheiro arrecadado e as demais doações

são guardados em uma conta bancária que foi criada para as despesas do Projeto como: merenda, conta de luz, gás, o material usado na confecção dos materiais produzidos, como tintas, pincéis, dentre outros. A maioria do material que a instituição trabalha são doações que algumas lojas e papelarias disponibilizam. Isso demonstra que de alguma forma, a comunidade tem apoiado a instituição. Tanto a pedagoga que coordena o Projeto quanto a zeladora são remuneradas, já as monitoras são voluntárias e não recebem pelos serviços prestados.

A coordenadora relata: *“saio em todos os bairros à procura de meninas para participarem do Projeto, pois a frequência, às vezes, é pouca e tenho medo de chegar a ponto de fechá-lo”*. Percebe-se aí a força de vontade que a educadora possui em trazer adolescentes para o Projeto e proporcionar-lhes momentos de aprendizagens. Muitas dessas meninas vêm de bairros distantes, por isso a educadora social teve a iniciativa de fazer com que a instituição disponibilizasse o dinheiro da passagem do ônibus para que as jovens se desloquem de suas casas. Assim, facilita a participação de todas.

Nesse sentido, Freire afirma: (1996, p. 75) *“Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte?”* Dessa forma, percebemos o amor que a educadora tem pelas adolescentes, pelo Projeto no qual atua e pelo seu trabalho, respeita e valoriza as especificidades de cada uma delas.

No período de intervenção proporcionamos oficinas como: o dia de beleza, atividades com músicas, jogo da memória, filme com pipoca e refrigerante, baleada, levamos uma estudante do curso de Educação Física do *Campus XII/UNEB*, para explicar os estilos das danças e sua importância, dentre outras.

A cada dia novas experiências eram adquiridas e novas sementes eram plantadas. Em nós, enquanto futuras educadoras, e nas meninas, que demonstraram muita empolgação a cada nova atividade proposta. Para além dessas experiências, surgiram também desafios a serem enfrentados, como por exemplo, *“O dia da beleza”*. Foi uma oficina na qual, inicialmente discutimos sobre autoestima e depois, *“no dia da beleza”* faríamos escovas nos cabelos, pintaríamos as unhas etc. No primeiro momento, acreditamos que pelo fato de serem adolescentes e vaidosas responderiam positivamente à proposição. No entanto, elas se negaram a participar da atividade que envolvia seus cabelos. Participaram apenas da atividade de pintar as unhas.

Ao finalizarmos a intervenção, fizemos uma avaliação das atividades propostas e chegamos à conclusão que na oficina *“O dia da beleza”*, especificamente, faltou certa

sensibilidade da nossa parte por não notarmos que as adolescentes estão num processo de construção e/ou aceitabilidade de sua identidade. Ao levarmos essa dinâmica, de certa forma, não agradamos pelo fato de modificarmos suas aparências ainda que temporariamente, o que, conseqüentemente, não leva à valorização da identidade de cada uma delas. Para Alves (2008, p.12), “o adolescente não apenas está vulnerável aos efeitos das transformações biológicas corporais, mas, também as mudanças vividas no mundo moderno, do progresso científico [...] que se estabelecem em seu dia a dia e compõem sua construção como sujeito”.

Compreendemos que as adolescentes com as quais tivemos contato nesses dias de observação e de intervenção estão se constituindo enquanto sujeito social a partir das suas experiências cotidianas. Assim, faz-se necessário considerar suas individualidades no desenvolvimento das atividades educativas.

Os desafios que encontramos nesses primeiros momentos da intervenção nos fez buscar novas atividades, com novas perspectivas. Além disso, percebemos que, enquanto futuras pedagogas, encontraríamos a cada dia esses percalços, mas também, “novos olhares” e novas aprendizagens.

Foi muito gratificante a aproximação e o carinho que adquirimos durante as duas semanas de convívio com as meninas. Essa troca de experiências nos fez amadurecer na medida em que íamos nos despertando para questões que outrora desconhecíamos ou que passavam despercebidas por nós. Este estágio no espaço não formal nos mostrou que há diversas possibilidades de atuação do pedagogo, mas também, nos fez compreender a importância do papel desse profissional na vida das outras pessoas onde quer que seja o espaço de sua atuação.

A amizade é de fundamental importância nos ambientes educativos. Tanto nas nossas observações, quanto na intervenção, percebemos o carinho que a pedagoga tem com as adolescentes e a amizade que existe entre ambas. Sendo assim, entendemos que a formação do pedagogo não está apenas voltada, única e exclusivamente, para a atuação em sala de aula. Ao contrário, está também voltada para o desenvolvimento desse profissional da educação nos diversos espaços educativos existentes. É o caso da pedagoga que atua no Projeto Tempero Verde.

De acordo, Pimenta e Lima (2012, p. 65), “sobre a vida profissional dos professores, é necessário lembrar o sentido do trabalho humano e em decorrência, a influência que as profissões exercem sobre a vida das pessoas”. Por este motivo é que estas questões “humanistas” devem ser levadas em consideração na formação de professores, uma vez que os educadores estão a todo tempo lidando com seres humanos.

#### 4 Considerações finais

Tendo em vista os aspectos apresentados no decorrer do texto, percebemos que a educação não formal deve ser vista como um espaço de atuação docente com o intuito de mediar aprendizagens para além dos muros da escola. Logo, esses espaços educativos, agem em colaboração com a instituição escolar. Passamos a ter “um novo olhar” sobre a possibilidade de atuação do pedagogo nesses espaços. Foi perceptível o quanto um profissional que detém essa qualificação pode trabalhar de forma comprometida e amorosa, levando em consideração as especificidades dos educandos e a valorização de suas singularidades.

Notamos ainda que, por mais indispensável que a educação formal seja, ainda tem deixado lacunas na formação dos sujeitos, e que esses espaços não formais tem auxiliado esses indivíduos até mesmo a permanecerem na escola, principalmente, quando perdem o interesse por ela. Os educadores que atuam nesses espaços além de desenvolverem atividades diversificadas, ainda apresentam para os sujeitos que lá frequentam a importância do conhecimento sistemático (escolar). Dessa forma, compreendemos que ambos estão interligados e que são importantes para as vidas das pessoas uma vez que desempenham papéis diferentes, mas que estão concomitantes nos diversos espaços e momentos da vida dos sujeitos.

Sobre a atuação do pedagogo, ao contrário do que pensávamos (que só poderiam atuar no âmbito da educação infantil) percebemos que há também outros espaços onde o professor pode trabalhar. Inclusive com adolescentes, que foi o caso do Projeto Tempero Verde onde desenvolvemos nossa pesquisa/observação/intervenção. Para além da sua atuação, vimos que sua formação tem um papel importantíssimo na área da educação, tendo a relação entre teoria e prática como construção do conhecimento.

A partir das experiências vivenciadas no componente curricular “Pesquisa e Estágio I: Pesquisa e Estágio em Espaços Não Formais” e no estágio, compreendemos que a educação é essencialmente uma prática social presente em diferentes espaços, e que as modalidades de ensino têm grande importância em lançar mão dos meios que dispõem para trabalhar a educação ao longo da vida, ou seja, cada modalidade tem sua importância. Ademais, acreditamos que nossa pesquisa trará contribuições tanto para os próximos estágios quanto para outras pesquisas na área.



## **Referências**

ALVES, G. M. **A construção da identidade do adolescente e a influência dos rótulos na mesma.** 2008. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Psicologia) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, 2008.

BRANDÃO, C. R. **O que é Educação.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

CURY, A. J. **A ditadura da beleza e a revolução das mulheres.** Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 18. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOHN, M. da G. **Educação não formal na pedagogia social.** São Paulo: Cortez, 2006.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **Estágio e docência.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.